

Conclusões

XX. Durante séculos antes as casas nem eram consideradas arquitetura, pois se produziam sem o concurso de arquitetos.

A implantação da habitação, a construção do habitar e seus espaços contínuos que se resume na cidade é a justificativa existencial da arquitetura, seu objetivo maior. É o lugar que se vai conviver com as transformações culturais e que passa a adquirir um significado ou que lhe é atribuído. O morar é uma ação civilizatória que implica na determinação de um ambiente (o espaço doméstico) e estabelece o princípio da dualidade arquitetônica entre o interior e o exterior, a histórica relação com a cidade, o princípio “casa-rua” que, afinal, conduz ao contraponto entre o espaço público ou coletivo e o privado. A casa é indissociável da cidade e a constrói, permitindo a continuidade das várias identidades que tecem os espaços e as atividades da urbe. A casa e a procura de novas formas de habitar foram inconciliáveis até o Século

A partir da implantação das cidades industriais, o tema da habitação passa a se constituir no núcleo de interesse disciplinar e ideológico do movimento moderno e o desejo de reinventar a própria cidade. A cidade transformou-se no lugar polarizador, do qual se depende para sobreviver, o único lugar da civilização que se processa através de intenções coletivas e que, hoje, chamamos de “cidade liberal” onde se devem concretizar os desafios, que incluem a habitação coletiva e adensada, que molda uma nova percepção dos espaços domésticos e públicos, capazes de conciliar a globalidade de soluções com soluções localizadas, a casa coletiva com a intimidade doméstica.

A questão do alojamento, o problema social da habitação, contudo, que foi colocado há mais de um século e meio pela revolução industrial, formulado pelas vanguardas políticas europeias no início do Século XX, e ordenada pelos programas de governo que construíram o estado de bem estar social, implantado pelos países da Europa ocidental, após a segunda guerra mundial e nos Estados Unidos, desde o segundo mandato de Franklyn Roosevelt e o *new deal*, não recebeu até hoje, uma resposta ampla, definitiva e principalmente com regras mínimas de continuidade programática, como política pública, no conjunto da maioria das sociedades de formação colonial ou dependente cultural e economicamente, das sociedades de países hegemônicos do hemisfério norte ocidental. Trata-se de uma questão que ainda nos é devida a enfrentar com vontades políticas e intelectuais, posto que as respostas aos direitos de habitação

dos trabalhadores ainda não se constituem em programas colados à construção dos Estados dessas sociedades, principalmente na América Latina. A construção do Estado e da habitação não se constituem numa proposta política, nem sua reivindicação faz parte da consciência operária na forma de reivindicação conjugada. Os poucos melhores exemplos concretizados no Brasil, são fruto de felizes convergências conjunturais, de programas pioneiros, se não exploratórios e uma conjugação de administradores e intelectuais preocupados. No início do século anterior, países pouco desenvolvidos industrialmente como a Itália e a Rússia, mas densos na sua tradição cultural, ofereceram propostas como o futurismo ou o construtivismo, enquanto que, na Europa industrializada, arquitetos e mecenas comungavam o virtuosismo do Art Nouveau – que é também técnica. Tal condição se reproduz inversamente hoje, após a sociedade

pós-industrial e algum pós-modernismo, que se apresenta, hoje, mais como uma antimodernidade, nos países mais ricos. Permite esquecer que a atual “despesa lúdica”, cuja epiderme das cidades-novas é testemunha, só foi possível graças àquilo que a precedeu: o amontoado da mão-de-obra abrigada nas favelas do terceiro mundo e nos grandes conjuntos residenciais, mal construídos, em todos os subúrbios das metrópoles “globais”.

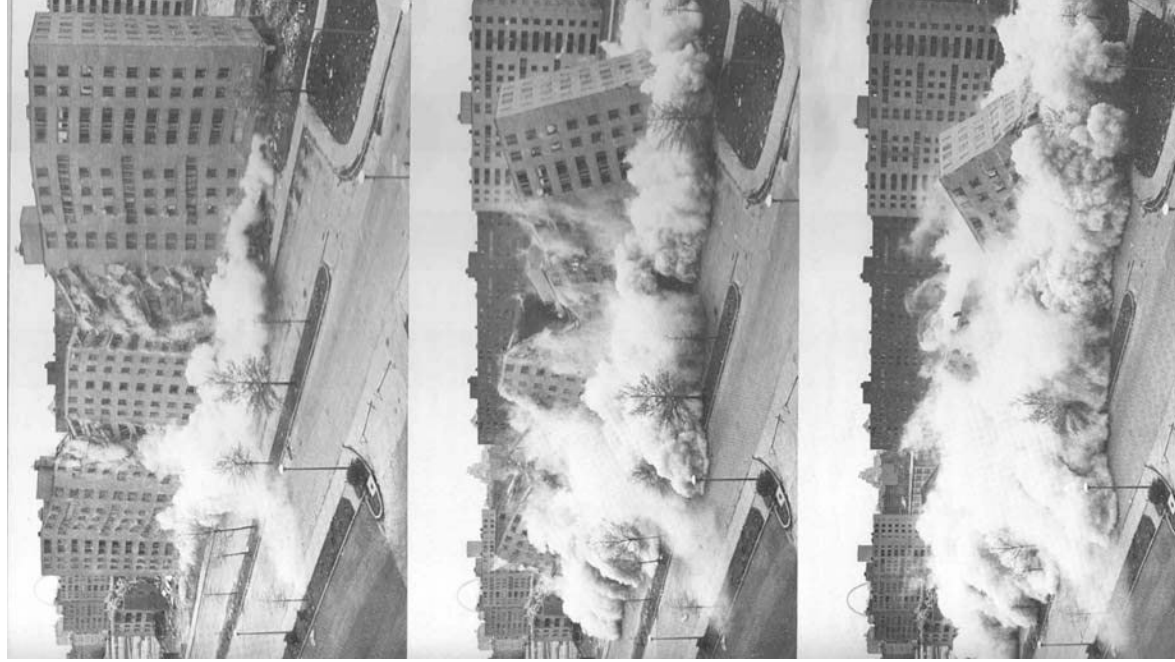
Quando os ideólogos do movimento moderno propugnavam como seu problema central a habitação para todos, isto não se colocou como uma postulação geral, unanimemente absorvida e exercitada, foi obra de apenas alguns militantes da arquitetura e, por ironia da história, sociologicamente aristocratas. Por um movimento natural, a prática elaborada acreditou se reconhecer não mais ancorada em rituais, quaisquer que fossem suas entidades de origem,

mas em outra práxis: a da militância política, que com a mesma ascese e perfeição ética se propunha reconstruir o mundo para os heróis modernos, o proletariado. Os arquitetos projetavam casas heróicas: os condensadores sociais, os *Siedlungen*, “os terraços olímpicos com vistas para o futuro” como quer Jurgen Habermas. A arquitetura moderna foi, simbolicamente, a da reivindicação socialista, a das cidades riosas. A prostituição, ou mais suavemente, o esvaziamento de seus ideais foi um duro golpe para os significados mais singelos do pensamento progressista, no mínimo.

Buscou-se explicitar neste trabalho o que foi incorporado desse ideário e qual o seus resultados e proposituras gerados na construção da arquitetura moderna e contemporânea brasileira e pelos seus protagonistas. Os poucos exemplos realizados e sua relação com a cidade e a nossa sociedade estão aqui considerados e o território das

cidades brasileiras explicitam a pouca consideração política que estes projetos modelares receberam ao longo de nossa história. A construção da habitação operária neste país é a demonstração de total retrocesso cultural, político e social, que inclui todo o Estado e a sociedade brasileira. A busca da redução da força de trabalho e a proposição da industrialização da construção, presente nas situações em que se antevia a modificação da condição de atraso e a construção da modernidade, na sociedade brasileira, ainda colide frontalmente com programas políticos e condições de produção conservadoras nas suas relações. Neste trabalho não se pretendeu discutir esta questão, por si só gigantesca, buscou-se mostrar que temos raízes estéticas e ideológicas e alguma produção modelar para orientar projetos e programas futuros. Acredita-se que se estes paradigmas históricos concretamente realizados passarem a fazer parte das causas

e projetos nacionais que visem estabelecer melhores condições de conforto, tanto para os operários que os produzem, quanto para os futuros usuários de habitação e das cidades do Brasil estaremos buscando um vislumbre de progresso estético, cultural e social.



Seqüência da demolição de um edifício do conjunto Pruitt-Igoe em St. Louis.

Posfácio

Com a convicção pessoal de que a construção de uma prática é um processo constante, alinhamento com as idéias sintetizadas a seguir, excertos de texto de Paul Chemetov, arquiteto e professor da *Ecole nationale des Ponts e Chaussées* sintetizados de seu discurso “*Inachevé... parce qu’inachevable?*”¹²⁶

“O que se dinamitou em S. Louis¹²⁷ não foi a arquitetura moderna, mas sim a utopia dos que proclamavam que até os negros tinham direito a habitações com janelas e banheiros. O que se destruiu em Ville Urbane, só abrigava árabes. Deveriam eles, como caranguejos, viver nas fendas do tecido social, da trama urbana?”¹²⁸

¹²⁶ Editions du Moniteur, Paris 1982

¹²⁷ Blake, Peter *A arquitetura moderna morreu em St Louis*, Ed. du Moniteur, 1980.

Ver tb. *Form follows fiasco*, Little, Brown & Co. Boston, USA, 1974 (nota adicional deste autor).

¹²⁸ “...A casa da luz que, no Eschyle, Prometeu designou como um dos grandes presentes que lhe permitiu se transformar de selvagem em homem, deixa de servir ao operário. A luz, o ar, as necessidades mais elementares deixam de existir para o homem. A doença, a estagnação, a putrefação do homem, essa cloaca (no sentido literal) da civilização tornam-se seu elemento de vida”. K. Marx, *Manuscritos de 1844*, Ed Sociales, 1969.

... A única constatação que podemos tirar é que os guetos do *lumpen-proletariat* dão trabalho, seja qual for sua embalagem formal... Com a humildade que devemos ter diante dessa constatação, reconhecamos o mérito do projeto inacabado da modernidade de ter sido o primeiro a considerar a arquitetura como ética. Nessa exigência, aceitemos o valor intrínseco da inconclusão da obra (como uma e como fragmento), como alegoria da história no que ela possui de intempestivo, de dolorosa e de falha.

A modernidade é um projeto inacabado porque ela foi a utopia de uma beleza difundida e revelada para toda a sociedade por meio da indústria? Ou simplesmente porque a modernidade seria, antes de tudo, um processo e, como todo processo, inacabável...

São hoje modernos, os arquitetos para quem a especificidade da estética não pode se tornar por si só um projeto cujos meios de representação e as técnicas de produção das obras não pertençam ao mundo dos objetos de arte. Não se acabará o inacabável só porque a contemplação estética da história gostaria de decretar seu fim.”

Bibliografia

Geral

- Argan**, Giulio Carlo *História da Arte como História da Cidade*. Martins Fontes, São Paulo SP Brasil, 1998.
- Banham**, Reyner, *Le brutalisme en architecture*. Dunod, Paris, França 1970.
- Benevolo**, Leonardo, *História da Arquitetura Moderna*, Ed. Perspectiva, São Paulo SP, 1976.
- _____, Leonardo, *Le origini della urbanística moderna*, Ed. Laterza, Bari, 1963
- Blake**, Peter. *Form follows fiasco* Little, Brown & Co. Boston, USA, 1974
- Colquhoun**, Alan. *Modernidade e Tradição Clássica – Ensaio sobre arquitetura 1980-87*. Cosac&Naify, São Paulo SP, 2004.
- Choay**, Françoise, *O Urbanismo*. Editora Perspectiva, São Paulo SP Brasil, 2003.
- Diversos Autores**, *La arquitectura del siglo XX-Textos*. Documentación/Debates, 1974, Madrid, Espanha.
- Frampton**, Kenneth, *História Crítica da Arquitetura Moderna*, Martins Fontes, São Paulo SP Brasil, 2000
- Gray**, George H. *Housing and Citizenship*. Reinhold P.C. New York USA 1946
- Harvey**, David, *Condição Pós-Moderna*. Edições Loyola, São Paulo SP, 2005
- Hobsbawm**, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Editora Paz e Terra, São Paulo SP, 1977.
- _____, *A Era do Capital 1848 - 1875*. Paz e Terra, São Paulo SP, 1977

_____, *A Era dos Extremos, O Breve Século XX*. Cia. das Letras, São Paulo SP, 1995.

_____, *Sobre História*. Cia. das Letras, São Paulo SP, 1998.

- Kool**, Krause, *Die fruen Sozialisten*, Munich, 1972
- Koop**, Anatole, *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. Nobel, EDUSP, São Paulo SP, 1990
- Mazower**, Mark. *Dark Continent*. Penguin Books, London, UK, 1999
- Norberg-Schulz**, Christian. *Principles of Modern Architecture*. Andreas Papadakis Publisher, London, UK 2000
- Scully Jr.** Vincent, *Arquitetura Moderna*. Cosac & Naify, São Paulo SP, 2002.
- Tafuri**, Manfredo e outros *De la Vanguardia a la Metropoli* Editorial Gustavo Gili S.A. Barcelona, Espanha, 1972.
- Wright**, Henry. *Rehousing Urban América*. Columbia University Press. New York USA 1935.

Alemanha

- BAUHAUS Weimar 1929-25 Dessau 1925-28**. Verlag Arthur Niggli & Willy Verkauf, Teufen, Suíça, 1955
- BAUHAUS**, *Catálogo Weimar - Chicago*, MIT Press, Cambridge, Ma, USA. Londres, UK. 1969
- Bruno Taut 1880-1938**, *Catálogo*, Akademie der Kunst, Berlin, Alemanha, 1980
- Gay**, Peter. *A Cultura de Weimar*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.
- Giedion**, S. *Walter Gropius L'Homme et l'oeuvre*, Éditions Albert Morancé, Paris, França, 1954

Gorelik, Adrián & Lierneur, Jorge F. *La Sombra de La Vanguardia – Hannes Meyer em México 1938-1949*. Proyecto Editorial, Buenos Aires, Argentina 1993.

James, Kathleen, *Erich Mendelsohn & the architecture of German modernism*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 1997

Klein, Claude, *Weimar*. Editora Perspectiva, São Paulo SP Brasil, 1995

Minoli, Lorenza e outros, *Della cucina allá città – Margarete Schütte-Lihotzky*. Franco Angelli srl Milano Itália, 1999

Muller, Michael, Christoph Mohr, *Funktionalität*, Frankfurt a. Main, 1984

Preusler, Burghard. *Walter Schwagenscheidt 1886-1968 - Architektenideale im Wandel Sozialer Figurationen*. Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart, Alemanha, 1985

Speidel, Manfred, *Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938*, Ernst & Sohn Verlag Berlin, 1995

Taut, Bruno. *Die Neue Baukunst in Europa und America*, Julius Hoffman Verlag, Stuttgart, 1929.

Rússia e União Soviética

Ceccarelli, Paolo, *La Construcion de la ciudad soviética*. Editorial Gustavo Gili S.A. Barcelona, Espanha, 1972.

De Feo, Vittorio, *Arquitetura Construtivista URSS 1917-1936*. Worldwhitewall Ed. São Paulo SP, 2005

Guinzbourg, Moissei I. *Le Style et L'Époque*, Pierre Mardaga Ed, Bruxelas, Bélgica & Office des Publications Universitaires, Alger, Algéria, 1986

Lissitzky, El. *1929 la reconstruccion de la arquitectura en la URSS*. Editorial Gustavo Gili S.A. Barcelona, Espanha, 1970

Pazos, Carlos Flores, e outros, *Vanguardia Soviética 1918-1933 Arquitectura Realizada*. Lunweg Editores S.A. Barcelona, Espanha, 1996

Quilici, Vieri, *Ciudad Rusa y ciudad soviética*, Editorial Gustavo Gili S.A. Barcelona, Espanha, 1973.

Rodrigues, A. Jacinto, *Urbanisme et Revolution*, Citoyons Editions Universitaires, Paris, France, 1973.

Rosa, Alberto Asor e outros, *Socialismo, ciudad y arquitectura. URSS 1917-1937*. Alberto Corazon Editor, Madrid, Espanha, 1973

Tafari, Manfredo e outros, *Construtivismo Ruso*. Ediciones Del Serbal, Barcelona, Espanha, 1994

França

Honegger, Hans, *Godin und das Familistère in Guise*, Zurich, 1919

Koop, Anatole, e outros *La Architecture de la Reconstrucion em France 1945-1953*, Editions du Moniteur, Paris, France 1982

Le Corbusier, “Oeuvre Complète” 6 volumes 1929-1934...1952-1957 Les Editions Gisberger, Zurich.

_____, *L'Unité d'habitation de Marseille*, Mulhouse, Le Point, Paris, França. 1950

Áustria

Tafari, Manfredo e outros, *Vienna Rossa, La política residenziale nella Vienna socialista 1919-1933* Electa Editrice, Milano, Itália 1980

Itália

Danesi, Silvia e outros. *Il razionalismo e la architettura in Itália durante il fascismo*. Edizioni La Biennale di Venezia. Venezia, Itália, 1976

Smith, G.E. *Kidder Italy Builds*, Reinhold Publishing Co. New York NY, USA 1955

Brasil

Artigas, Julio Camargo et alli *Vilanova Artigas*, Fundação Vilanova Artigas , Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo SP, 1997.

Artigas, Rosa Camargo. *Paulo Mendes da Rocha*, Editora Cosac & Naify, São Paulo SP, 2000.

BNH Banco Nacional da Habitação “BNH em resumo” periódico seriado, BNH, Rio de Janeiro, 1976-1979

BNH Banco Nacional da Habitação “Orçamento Plurianual do BNH 77/79” BNH, Rio de Janeiro, 1976

BNH Banco Nacional da Habitação “Orçamento Plurianual do BNH 79/80” BNH, Rio de Janeiro, 1978

BNH Banco Nacional da Habitação “Orçamento Plurianual do BNH 81/82” BNH, Rio de Janeiro, 1981

BNH Banco Nacional da Habitação “Relatório de atividades em 1977” BNH, Rio de Janeiro, 1978

BNH Banco Nacional da Habitação “Relatório de atividades em 1982” BNH, Rio de Janeiro, 1983

BNH (Br) Dep. Planejamento e Coordenação “Linhas de financiamento do BNH” BNH, Rio de Janeiro, 1981

Campos, Cândido Malta, *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*, São Paulo, SENAC, 2002.

Costa, Lúcio. *Lúcio Costa – Registro de uma Vivência*, Editora UnB, Empresa das Artes, São Paulo, 1995.

FINEP – GAP *Inventário da ação governamental*. Finep-Gap/Projeto Editores, Rio de Janeiro, 1985

Mota, Carlos G. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)* Editora Ática São Paulo SP, 1980

Portinho, Carmen et alli “*Affonso Eduardo Reidy*” Editorial Blau, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo SP, 1999

Reis Filho, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*, Editora Perspectiva S.A, 1973, 2ª. edição, São Paulo, SP.

_____, *Habitação Popular no Brasil: 1880-1920*. C.P. LAP n.º 2 FAUUSP 2001

_____, *Urbanização e Planejamento no Brasil: 1860-1983*. C.P. LAP n.º 11 FAUUSP 1996

Dissertações e Teses Acadêmicas

Puntoni, Álvaro L. *O projeto como caminho: Estruturas de habitação na Área Central de São Paulo. A ocupação de vazios na Avenida Nove de Julho*. Tese de Doutorado, FAUUSP, 2004.

Ruprecht, Denise G.C. *Conjunto Habitacional de Jundiá A – Dois modos de Arquitetar*. Dissertação de Mestrado. FAUUPMackenzie, 2003

Glossário

Escola do método formal ou formalismo mecanicista.

O OPOJAZ (Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética), grupo liderado por Viktor Shklovsky, desenvolveu o **método formal**, com enfoque na técnica e naquilo que se denominou “dispositivo”. Para esse grupo, as obras literárias assemelham-se às máquinas, ou seja, são o resultado de uma atividade humana intencional na qual uma habilidade específica transforma matéria bruta num mecanismo complexo adequado para um propósito particular. Esse tipo de visão despe o artefato literário de sua conexão com o autor, leitor, e momento histórico.

Formalismo Russo

Influente escola de crítica literária da Rússia de 1908 até 1930. Dela fazem parte as obras de um grande número de acadêmicos Russos e Soviéticos de grande influência (Viktor Shklovsky, Yuri Tynianov, Boris Eichenbaum, Roman Jakobson, Grigory Vinokur) que revolucionou a crítica literária entre 1914 e a década de 30 estabelecendo a especificidade e a autonomia da linguagem poética e literatura. Os Formalistas Russos defenderam um método “científico” para estudar a linguagem poética, para a exclusão das tradicionais abordagens psicológica e histórico-cultural. No formalismo lingüístico, as figuras do autor e do leitor eram desprezadas (. Lev Jakubinsky, Roman Jakobson)... Jakobson rejeitava completamente qualquer noção de que a emoção é critério para literatura. Para ele as qualidades emocionais de

uma obra literária são secundárias e claramente dependentes do verbal, são fatos lingüísticos.

Futurismo Russo

Conjunto de movimentos de vanguarda, na literatura e nas artes plásticas que se deram a partir de 1908, na Rússia. São vários e de curta existência os passos dessa verdadeira revolução artística: ego-futurismo, cubo-futurismo, na literatura e rayonismo e suprematismo nas artes plásticas.

Na poesia o Futurismo cria a noção de poema como objeto **visual**, utiliza a fala popular e, principalmente a partir a contribuição de Mayakovsky, há a consolidação do poema urbano, anti sentimental e não representativo. Na pintura, o raionismo (1909) de Mikhail Larionov e Natalia Gontcharova e o suprematismo (1913) de Malevich que rompem completamente com a pintura figurativa, fundando a abstração geométrica.. Mais tarde, El Lissitsky cria formas que buscam expressar a civilização industrial por meio da utilização dos meios tipográficos e da fotografia, uma arte efêmera – cartazes, folhetos – com textos de Mayakovsky.

ASNOVA - Associação dos Novos Arquitetos, constituída em 1923, na URSS, intitulava-se “de esquerda”.

CECAP- Companhia Estadual de Casas Populares, autarquia fundada em 1948 e ativada apenas em 1966, promotora de obras de casas de baixo custo, financiadas pela Caixa Econômica do Estado de São Paulo, hoje é a **CDHU**, promotora da habitação no estado.

DEWOG - Sindicato Alemão S.A. entidade voltada para o alojamento de funcionários, empregados e operários, organismo promotor da construção e da administração de habitações.

GEHAG - Sociedade Anônima de Lares para o Benefício Comunitário, uma S.A. voltada para o fomento da construção sindical operária na Alemanha.

GESTAPO - Acrônimo do al. *Geheime Staatspolizei* 'Polícia Secreta do Estado', a polícia política secreta, na Alemanha nazista.

OSA - União dos Arquitetos Contemporâneos, constituída em 1923, na URSS, filiada explicitamente aos artistas construtivistas, intitulava-se “de esquerda”.

STROIKOM - Comitê para a Construção, URSS 1922, Órgão encarregado de estudar as questões da construção de habitações, contando com equipes multidisciplinares, um pioneirismo universal, então.

VKUTHEMAS – Instituto Técnico Artístico de Moscou. URSS 1919/21

Fonte das Ilustrações	PAG	FIG	FONTE
Parte 1 Capítulos			
1 - O Familistério de Guise			
	33	1	perso.orange.fr
	35	2	Société du Familistère de Guise - Catálogo 1896
	38	3	Idem, ibidem
		4	Idem, ibidem
	40	5	Emile Cacheux & Emilie Muller " Les habitations ouvrières em tout pays" Paris 1879
	41	6	Emile Cacheux & Emilie Muller " Les habitations ouvrières em tout pays" Paris 1879
	42	7	perso.orange.fr – idem, ibidem
	43	8	Benevolo, L. "Storia della città" Ed. Laterza Roma/Bari 1975
		9	Idem, ibidem
	44	10	Idem, ibidem
2 - Arquitetura Moderna na URSS			
	45	11	Office des Publications Universitaires Alger 1982
	56	12	Idem, ibidem
	66	13	Idem, ibidem
	67	14	wmf.org/resources/sitepages/russia
	74	15	Idem, ibidem
	75	16	Idem, ibidem
		17	Abitare n.º 444 nov. 2004 Milão
	76	18	wmf.org/resources/sitepages/russia_narkomfin
		19	Abitare n.º 444 nov. 2004 Milão
		20	Idem, ibidem
	77	21	Cook, C. Construtivismo Russo Ed. Serbal Barcelona 1994
	79	22	Abitare n.º 444 nov. 2004 Milão
	80	23	wmf.org/resources/sitepages/russia_narkomfin
		24	Idem, ibidem
	82	25	Sherwood, R. "Vivienda : Protótipos Del Movimiento Moderno" G.Gili Barcelona 1983
	83	26	Cook, C. Construtivismo Russo Ed. Serbal Barcelona 1994
	84	27	Abitare n.º 444 nov. 2004 Milão
	85	28	Idem, ibidem
	86	29	wmf.org/resources/sitepages/russia_narkomfin
3 – Alemanha - Habitação nos anos da Republica de Weimar			
	91	30	Das Neue Frankfurt, 1930

			31	Taut, B., "Die Neue Baukunst in Europa und America" ed. J.Hoffman, Stuttgart 1929
92				
93			32	Dreyse, DW. "Ernst May Siedlungs" ed. Dieter Fricke Frankfurt am Main 1988
95			33	Idem, Ibidem
			34	Idem, Ibidem
103			35	Minoli, L. "Dalla cucina allà città" Franco Angeli Milão 1999
			36	Idem, Ibidem
105			37	Idem, Ibidem
107			38	Idem, Ibidem
			39	Idem, Ibidem
110			40	Idem, Ibidem
			41	Idem, Ibidem
111			42	Taut, B., "Die Neue Baukunst in Europa und America" ed. J.Hoffman, Stuttgart 1929
			43	Minoli, L. "Dalla cucina allà città" Franco Angeli Milão 1999
116			44	Gray, G "Housing and Citizenship" Reinhold Pub. Nova Iorque 1946
118			45	Wright, H. "Rehousing Urban America" Columbia Univst. Press Nova Iorque 1935
120			46	Dreyse, DW. "Ernst May Siedlungs" ed. Dieter Fricke Frankfurt am Main 1988
			47	Taut, B., "Die Neue Baukunst in Europa und America" ed. J.Hoffman, Stuttgart 1929
			48	Julio Camargo Artigas, foto de 2004
121			49	Dreyse, DW. "Ernst May Siedlungs" ed. Dieter Fricke Frankfurt am Main 1988
122			50	Idem, Ibidem
124			51	Idem, Ibidem
			52	Idem, Ibidem
127			53	Idem, Ibidem
128			54	Idem, Ibidem
129			46	Julio Camargo Artigas, fotos de 2004
132			47	Bruno Taut 1880-1938, Catálogo, Akademie der Kunst, Berlin, Alemanha, 1980
136			48	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
137			49	Taut, B., "Die Neue Baukunst in Europa und America" ed. J.Hoffman, Stuttgart 1929
139			50	Julio Camargo Artigas, fotos de 2004
140			51	Taut, B., "Die Neue Baukunst in Europa und America" ed. J.Hoffman, Stuttgart 1929
			52	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
141			53	Idem, Ibidem
142			54	Taut, B., "Die Neue Baukunst in Europa und America" ed. J.Hoffman, Stuttgart 1929
143			55	Julio Camargo Artigas, foto de 2004
			56	Idem, Ibidem
144			57	Idem, Ibidem

	145	58	Idem, Ibidem
		59	Idem, Ibidem
	146	60	Idem, Ibidem
	148	61	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
	151	62	Julio Camargo Artigas, fotos de 2004
	153	63	Bruno Taut 1880-1938, Catálogo, Akademie der Kunst, Berlin, Alemanha, 1980
	155	64	Idem, Ibidem
		65	Idem, Ibidem
		66	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
	157	67	Julio Camargo Artigas, fotos de 2004
	162	68	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
	163	69	Idem, Ibidem
	165	70	Idem, Ibidem
	170	71	Idem, Ibidem
	171	72	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
		73	Julio Camargo Artigas, foto de 2004
		74	Speidel, M. Bruno Taut Natur und Fantasie 1880-1938, Ernst & Sohn, Berlin, 1995
4 Áustria e a Viena Vermelha			
	176	75	Tafuri, M. "Vienna Rossa. La política residencial nella Vienna socialista 1919-1933" Electa Edt. Milão, Itália 1980
	178	76	Idem, Ibidem
	179	77	Idem, Ibidem
	182	78	Idem, Ibidem
	183	79	Idem, Ibidem
	184	80	Idem, Ibidem
	185	81	Idem, Ibidem
		82	Idem, Ibidem
	186	83	Idem, Ibidem
	187	84	Idem, Ibidem
	188	85	Idem, Ibidem
5 França Le Corbusier e a Arquitetura da Reconstrução 1945 - 1953			
	189	86	Sherwood, R. "Vivienda : Protótipos Del Movimiento Moderno" G. Gili Barcelona 1983
	192	87	Pavese, pv.it
	193	88	Idem, Ibidem
	194	89	L'Unité d'habitation de Marseille, Mulhouse, Le Point Paris França 1950

	256	119	Idem, ibidem
		120	Idem, ibidem
	257	121	Idem, ibidem
	264	122	Ricardo Guitierrez 2006
		123	Idem, ibidem
		124	Idem, ibidem
		125	Idem, ibidem
	265	126	Idem, ibidem
		127	Idem, ibidem
	271	128	Arquivo técnico CDHU, Denise Ruprecht
		129	Idem, ibidem
	272	130	Idem, ibidem
	274	131	Julio Camargo Artigas 1976
	275	132	Estúdio Vilanova Artigas – F. Vilanova Artigas
		133	Idem, ibidem
	276	134	Idem, ibidem
		135	Idem, ibidem
	277	136	Idem, ibidem
Conclusões e Epílogo	281	137	Blake, Peter. Form follows fiasco Little, Brown & Co. Boston, USA, 1974

DIAGRAMA1

1923 -24
Estilo e
Época

1926/31 Novo método de pensar arquitetura

"A inspiração abstrata e individualista deve ser substituída por uma clara elucidação dos tipos de incógnitas e método de invenção criadora"

1927/31 Objetivos da arquitetura contemporânea

1926/34 O método e a forma funcional

1927/36 O construtivismo como método de laboratório e trabalho

O estilo arquitetônico é considerado como o produto de fatores socio-históricos, econômicos e técnicos

- As incógnitas, gerais são características da época como um todo
- Um cliente coletivo em lugar de um cliente individual e um novo modo de vida
- Arquitetura como parte de um plano mais amplo
- O econômico e o social devem operar através de normas e tipos normalizados
- Necessidade de que todo trabalho, por especializado que seja se realiza com método

Problemas de mudanças colocados pelo desenvolvimento dialético dos fatores sociais e técnicas

Elaboração do papel social do arquiteto de hoje. A contribuição dos "consumidores" sob as novas condições

Os resultados corretos dependem tanto da correção dos inputs como do método, por ex. (abaixo)

Discussão do conceito de ajuste à função

Questões Teóricas

Apresentação da analogia dos estágios: a máquina é para o edifício da fábrica o que a fábrica é para o edifício social

Questões Operativas

- As incógnitas particulares são os componentes específicos de cada projeto. Nossas novas condições sociais permitem que o arquiteto as analise e agrupe com total objetividade. E funcionalidade: em primeiro lugar em uma organização espacial básica.
- O cálculo da solução deve ser enfocado com a mesma objetividade; trabalhar da primeira à segunda prioridade, do esqueleto ao invólucro, do interior ao exterior.
- 1ª Tarefa: estabelecer todas as conexões e dimensões espaciais.
- 2ª tarefa: estabelecer os materiais e o método de construção que podem trazer uma solução espacial apropriada.
- 3ª tarefa: inter-relacionar os volumes externamente, controlando o agrupamento, os ritmos e proporções das massas arquitetônicas.
- 4ª tarefa: tratamento das superfícies das paredes e dos elementos construtivos individuais (aberturas, elementos estruturais etc)

Generalização da organização espacial básica (condensador social) formalizada como diagrama de fluxo e esquema de equipamento

a-f
1º objeto

Os materiais devem ser utilizados de um modo tecnicamente correto

A influência psicofísica (ou seja, a mensagem formal) do edifício deve ser calculada corretamente

a-c do 1º objeto
O 4º objeto

Igual importância desses três grupos de fatores: material/técnico; visual e psicológico

O 2º objeto
O 3º objeto

reagrupamento

DIAGRAMA 2 - Desmembramento O 1º Objeto é estabelecer a **FORMA do CONDENSADOR SOCIAL** enquanto produto de:

1. As precondições sociais e produtivas do plano

- a. Um estudo de como estas podem mudar por meio de mudanças sociais e tecnológicas – destacando não as dimensões e sim a dinâmica, mudando o uso dos espaços através dos tempos
- b. Construir os **DIAGRAMAS DE FLUXO** – passando do particular para o geral, que é o **PRIMEIRO DIAGRAMA ESPACIAL DO EDIFÍCIO**
- c. Estudar os esquemas do equipamento que os itens anteriores requerem.
- d. Estabelecer as dimensões desse equipamento junto com sua **DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL**, correta.
- e. Estudar as necessidades **MEIO AMBIENTAIS** das atividades e os processos implicados – temperatura, luz, acústica etc.
- f. Construir o esquema do **CONDENSADOR SOCIAL** sobre a base desse material estabelecendo um organismo integrado como um **PROTÓTIPO ESPACIAL**.

Consideração de todas as **PRECONDIÇÕES** tanto **EXIGÊNCIAS** como **POSSIBILIDADES**

2. As pré-condições técnicas e de construção da realização

- a. Estudo dos **MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO** à disposição destacando o máximo possível seu papel inovador utilizando, quando possível os mais avançados (ou seja, com menor massa)
- b. Estudo dos **MÉTODOS E SOLUÇÕES ESTRUTURAIS** que são apropriadas à luz das precondições do plano; estudar seu caráter e as possibilidades técnicas que possuem, destacando os métodos mais **RACIONAIS** de construção segundo as possibilidades espaciais.
- c. Estudar as condições e métodos de **REALIZAÇÃO PRÁTICA** implícitos em relação a cada detalhe e ao todo arquitetônico – os atuais **MÉTODOS DE CONSTRUÇÃO**, buscando o máximo de **INDUSTRIALIZAÇÃO**, com todas as conseqüências arquitetônicas que isso implica.

Consideração da **PERCEPÇÃO** e da **CLAREZA VISUAL**

O 2º Objeto é observar as **FORMAS MATERIAIS** cristalizadas como condensador social, em função do **PROBLEMA DA PERCEPÇÃO** de modo que a atividade útil do condensador seja aumentada pela clara percepção que o usuário tenha dessa atividade.

O construtivismo vê a **FORMA** como **ATIVA** e não como passiva. Busca a **ORGANIZAÇÃO DA PERCEPÇÃO** e isso é parte de sua tarefa tanto quanto a organização de fatores materiais. Para isso existem os seguintes estágios:

A. O que se segue deve ser estudado **EM ORDEM**, desde as propriedades **PARTICULARES** do objeto particular até as questões **GERAIS**.

1. O **CARÁTER FUNCIONAL** do objeto, seu propósito
2. Seu **ESTADO**-estático ou em movimento?
3. **MATERIAL**- suas propriedades e factura, cor, etc.
4. As **ESCALAS RELATIVAS** das partes e o todo.
5. A **ESTRUTURA TECTÔNICA** do objeto (Como está construído. Os vínculos entre as partes e o todo.)
6. **FORMA COMO VÍNCULO** um volume 3-D, um espaço definido
7. As **princípios** marcas, distintivas do objeto enquanto **ORGANIZAÇÃO ESPACIAL**

- a) Percepção a respeito das características fundamentais do objeto
- b) Como **ORGANIZAR A PERCEPÇÃO** para deixar **CLARAS** as relações dos elementos que compreendem o objeto, seus **TAMANHOS** absolutos e relativos, a clareza de toda **SUA FORMA ESPACIAL GERAL**.
- c) Percepção da **UNIDADE E DO TODO**
- d) Percepção sobre as **INTER-RELAÇÕES ESPACIAIS** e do **ESPAÇO** em geral.

Consideração do **USO RACIONAL** dos **ELEMENTOS FORMAIS** da arquitetura.

B. Em relação à percepção destas características, o segundo estágio de estudos **AGRUPA COMO** acima a-d

O **3º Objeto** é estudar **OS ELEMENTOS DE ARQUITETURA** que são **OBJETO DE PERCEPÇÃO**, em ordem de complexidade, a saber:

A. **SUPERFÍCIE**

B. **VOLUME**; enquanto. Sistema de superfícies

C. **A coexistência volumétrica** (intersectados, contíguos ou relacionados, mas separados)

D. **ESPAÇO**

TEMPO E MOVIMENTO enquanto **MÉTODOS DE ORGANIZAR O ESPAÇO**; espaço enquanto inter-relação de volumes individuais **ENTRE SI E COM O TODO**; a **LOCALIZAÇÃO** de um objeto no espaço; o espaço enquanto fator isolante; o espaço como a **ORGANIZAÇÃO** de dimensões **NÃO RELACIONADAS**; OU **PARCIALMENTE RELACIONADAS** (espaço- rua-cidade, etc)

ATRAVÉS DESSE PROCESSO devem ser observados DOIS PRINCÍPIOS IMPORTANTES:

1. Nessa desmontagem de laboratório não há que se preocupar com A EXPRESSÃO ARTÍSTICA EM GERAL, pois o construtivismo só compreende a expressividade concretamente, em relação com OBJETIVOS E INTENÇÕES DEFINIDOS, como algo específico a seu contexto.

2. Todos os estudos comportam o perigo básico da CANONIZAÇÃO de certas formas, de convertê-las em elementos fixos do vocabulário do arquiteto. O Construtivismo LIDERA A BATALHA contra esse fenômeno e estuda esses elementos básicos da arquitetura como algo CONTINUAMENTE EM MUDANÇA em conexão com as precondições mutantes da situação criadora das formas. Nunca admite, portanto, A FIXAÇÃO DAS FORMAS. A forma é uma incógnita, um X que sempre será avaliada pelo arquiteto. Portanto, DEVEMOS TAMBÉM ESTUDAR não só os elementos da arquitetura mas também os MÉTODOS DE SUA TRANSFORMAÇÃO. Temos que estudar COMO ESSA FUNÇÃO 'X' MUDA; como uma mudança no plano afeta a forma.

Entre esses tipos de transformação podemos incluir:

1. mudanças externas do objeto;
2. desmembramento vertical ou horizontal do objeto;
3. corte da superfície ou volumes a partir do interior (portas, janelas etc)
4. corte da superfície ou volume a partir do exterior (mudança de silhueta)
5. diferenças no material, cor ou feitura do objeto

Em tudo isso 3 coisas são vitais:

- 1 O método de transformação é PARTE DAS FERRAMENTAS PRÁTICAS, REAIS DO ARQUITETO.
- 2 Essa TRANSFORMAÇÃO IMPLICA NÃO SOMENTE A ESTÉTICA, mas também a reorganização dos ELEMENTOS CONSTRUTIVOS OPERATIVOS.
3. O que estamos mudando é o objeto material, mas isso se faz no CONTEXTO DE SEU PROPÓSITO ESSENCIAL e de sua PERCEPÇÃO PELO USUÁRIO.

Consideração das POSSIBILIDADES DE EDIFICAÇÃO INDUSTRIALIZADA

O 4º Objeto é o estudo dos PROCESSOS INDUSTRIAIS, não para IMITAR as formas industriais, mas sim para identificar AS CARACTERÍSTICAS que serão AS MARCAS DE INDUSTRIALIZAÇÃO DA ARQUITETURA, Portanto estudamos.

1. De que modo a tecnologia industrial CRIA uma forma funcional

2. Os processos particulares e característicos da produção industrial que DEIXAM UMA MARCA NO CARÁTER DE SEUS PRODUTOS.

Reordenação

isto deve se fazer com relação aos COMPONENTES INDIVIDUAIS do edifício EM RELAÇÃO COM TODOS OS ORGANISMOS (cozinhas, etc)

O 5º Objeto é a RESTAURAÇÃO DA TOTALIDADE ORGÂNICA. Isto se aplica tanto se o método funcional foi utilizado para a ANÁLISE DE UM PRODUTO EXISTENTE, com para a CRIAÇÃO DE UM OBJETO NOVO (Qualquer desses processos implica nas 4 seções anteriores)